

SÍNDROME DE SÃO TOMÉ NAS BOLSAS

Ugo Braga e
Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

DEPOIS DE UMA LIGEIRA Euforia no início da tarde, o mercado financeiro reagiu ao pacote fiscal do governo como São Tomé. “Está todo mundo esperando para ver se o que foi dito vai ser feito mesmo”, resumiu André Petersen, economista do Banco Prosper, do Rio.

De acordo com a Bíblia, Tomé não acreditou estar diante do Cristo resuscitado sem ver os ferimentos da crucificação nas suas mãos.

Com o freio de mão puxado, a Bolsa de São Paulo (Bovespa) movimentou somente R\$ 544 milhões, metade do que vinha sendo negociado diariamente na semana passada. O Ibovespa (índice que mede a variação de preço das principais ações) apresentou alta de 1,96%. Havia batido em 4,6% às 12h30, hora em que as medidas estavam sendo anunciadas. Na Bolsa do Rio de Janeiro (BVRJ), a alta foi de 1,17%.

No mercado de câmbio, o marasmo foi o mesmo. Com poucos negócios, a cotação do dólar fechou em R\$ 1,1053, alta de somente 0,27% em relação a sexta-feira. Na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F) o movimento foi tão fraco que os negócios chegaram a ser interrompidos por meia hora. Com pouca procura, a cotação da moeda norte-americana por três vezes caiu 0,5%, que é a oscilação máxima permitida. Fechado o pregão, o dólar para dezembro estava sendo vendido a R\$ 1,1118, contra R\$ 1,1130 de sexta-feira.

“Vai levar tempo para o mercado ‘digerir’ esse pacote”, avaliou Adauto Lima, economista do BBA Banco, de São Paulo. A principal dúvida dos operadores é qual será exatamente o ganho do setor público. “Muitas das medidas não sairão do papel, a gente sabe disso. E aí está todo mundo fazendo contas para saber os ganhos reais”, completou.

O sentimento parece ser idêntico ao dos investidores internacionais. Mesmo com as notícias sobre o esforço do governo para não gastar mais que sua arrecadação, os títulos da dívida externa brasileira, os *bradies*, continuaram despencando no mercado exterior. Os mais negociados — C-bonds — tiveram uma baixa de 1,2% e fecharam o dia cotados a US\$ 69,50 para cada US\$ 100, que

Celso Junior/AE



Bovespa: os investidores reagiram com cautela e o volume de negócios atingiu só a metade do que foi negociado diariamente na semana passada

é o valor de face dos papéis.

“É que o Brasil precisa de financiamento e há incerteza quanto ao que vai acontecer com os financiadores”, frisou Marcelo Mannel, diretor da área de renda fixa do Lloyds Bank, referindo-se à crise no mercado mundial.

Já o economista Armínio Fraga, ex-diretor para Assuntos Internacionais do Banco Central e hoje dirigente do Soros Fund, empresa do bilionário especulador George Soros, acha que o governo “mostrou capacidade de reação positiva diante da crise”. “O pacote é bem fundamentado”, disse, otimista. “O mundo está atento e havia a necessidade do ajuste”, concordou Luiz Antônio Gonçalves, presidente do Banco FonteCindam, do Rio.

CHAPA BRANCA

Além das medidas anunciadas ontem, o governo agiu também dentro do pregão da Bovespa, na tradicional operação “chapa branca”. Para segurar a movimentação positiva do Ibovespa, o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) garantiu a

compra de ações da Telebrás, responsável por 58,3% do movimento do pregão. A instituição também adquiriu papéis da Petrobras, com 6,6% do volume de vendas de títulos. Resultado: o governo teria ajudado na comercialização das ações de estatais, que sozinhas dominam 64,9% das transações na bolsa paulista.

Quando a bolsa chegou à alta de 4,61%, às 12h30, os profissionais do mercado acreditavam que o movimento era um fenômeno baseado sobre o volume fraquíssimo de negócios. Naquele momento, contudo, a bolsa de Nova York estava abrindo positivamente, mas de forma lenta. Gradualmente, as subidas e descidas de Wall Street influenciavam pesadamente a venda de títulos em São Paulo.

“A crise internacional começou na Ásia, mas com o volume fraco. A Bovespa está muito dependente das instabilidades de Nova York. Além das ações das companhias norte-americanas estarem fazendo ajustes em relação à subida registrada neste ano,

os lucros dessas empresas serão menores que os valores obtidos em 1996. Isso contamina o índice local”, comentou um investidor autônomo.

PROTEÇÃO

Dirigentes de bancos ouvidos pelo **Correio** disseram que o governo adotou um programa de proteção fiscal, pois a elevação de 100% dos juros básicos adotada em duas semanas, acarretará gastos extras, com pagamento de juros da dívida pública, de aproximadamente R\$ 700 milhões por mês, segundo cálculos do secretário

de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros.

“Acredito que os juros elevados, que não ficarão entre 43% a 46% ao ano por muito tempo, levarão o governo a gastar perto de R\$ 10 bilhões até o final de 1998”, comentou Carlos Guzzo, economista-chefe do banco Pontual. “Como boa parte das medidas adotadas pelo governo devem ser negociadas no Congresso, o pacote deverá gerar uns R\$ 15 bilhões de receita. Sobrarão então R\$ 5 bilhões para auxiliar o Executivo na recuperação de seu caixa”.

Um economista de um grande banco estrangeiro com sede em São Paulo disse que o pacote fiscal é um recado do governo aos investidores estrangeiros e, sobretudo, ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

“Em setembro, o Brasil tinha R\$ 61,9 bilhões de reservas. Com a crise dos últimos 15 dias, deve ter caído para R\$ 55 bilhões. O ministro Malan estava certo que o país poderia ser a bola da vez se a Coreia quebrar. Se isso acontecesse, os especuladores fariam a festa e seria necessário um empréstimo excepcional do FMI”, comentou.

LEVE ALTA

Bovespa

+ 1,96%

BVRJ

+ 1,17%